



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG CENTRO DE  
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA AGROALIMENTAR – CCTA PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS**

**VALMIZA DA COSTA RODRIGUES DURAND**

**AS MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR E A CONVIVÊNCIA COM O  
SEMIÁRIDO NO ASSENTAMENTO ANGÉLICA EM APARECIDA - PB**

**POMBAL – PB  
2018**

**AS MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR E A CONVIVÊNCIA COM O  
SEMIÁRIDO NO ASSENTAMENTO ANGÉLICA EM APARECIDA - PB**

Artigo apresentado ao Programa de Pós- Graduação *Stricto Sensu* em Sistemas Agroindustriais, no âmbito do Mestrado Profissional em Sistemas Agroindustriais, do Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus Pombal, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sistemas Agroindustriais.

**Orientador:** Prof. Dr. Allan Sarmiento Vieira.

D948m Durand, Valmiza da Costa Rodrigues.  
As mulheres na agricultura familiar e a convivência com o semiárido no assentamento Angélica em Aparecida - PB / Valmiza da Costa Rodrigues Durand. – Pombal, 2019.  
24 f.

Artigo (Mestrado em Sistemas Agroindustriais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, 2018.  
"Orientação: Prof. Dr. Allan Sarmiento Vieira".  
Referências.

1. Assentamento rural. 2. Empoderamento feminino. 3. Estratégias de convivência. 4. Agricultura familiar - Autoconsumo. 5. Gestão da água. 6. Produção agrícola. 7. Semiárido nordestino. I. Vieira, Allan Sarmiento. II. Título.

CDU 911.373 (043)



Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar



CAMPUS DE POMBAL

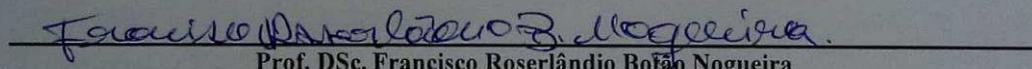
**“AS MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO NO ASSENTAMENTO ANGÉLICA EM APARECIDA-PB”**

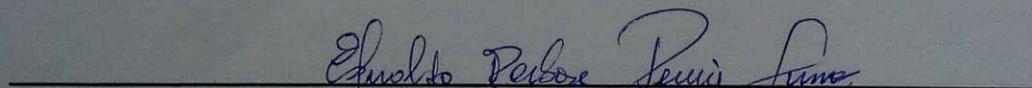
Trabalho Final de Mestrado apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais do Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Pombal-PB, em cumprimento às exigências para obtenção do Título de Mestre (MSc.) em Sistemas Agroindustriais.

Aprovada em 19/12/2018

COMISSÃO EXAMINADORA

  
Prof. DSc. Allan Sarmiento Vieira  
Orientador

  
Prof. DSc. Francisco Roserlândio Botão Nogueira  
Examinador Externo

  
Prof. DSc. Ednaldo Barbosa Pereira Júnior  
Examinador Interno

POMBAL-PB  
DEZEMBRO - 2018

# **AS MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO NO ASSENTAMENTO ANGÉLICA EM APARECIDA - PB**

Valmiza da Costa Rodrigues Durand<sup>1</sup>

Allan Sarmiento Vieira<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este artigo apresenta um estudo realizado no Assentamento Angélica, localizado no município de Aparecida-PB, que envolveu as mulheres da agricultura familiar. A escolha do tema relacionou-se com a necessidade de se analisar a convivência das mulheres com o semiárido Nordeste e os impactos provocados na gestão da água, na produção para o autoconsumo e no empoderamento feminino. Optou-se pela pesquisa qualitativa, mais precisamente o estudo de caso, usando como técnica a pesquisa narrativa de cunho (auto) biográfico. Os dados foram coletados a partir de entrevistas, rodas de conversa e diário de campo. Quanto aos sujeitos dessa pesquisa, as mulheres, aquelas que concordaram com os seguintes pontos: interesse e disponibilidade para participar dos encontros sistemáticos. Para a análise do material, foi realizada uma categorização das informações/dados em temas ou categorias que permitem auxiliar na compreensão daquilo que está por trás dos discursos. Os resultados apontam que as mulheres aprenderam a lidar com a escassez de água, aproveitando bem a água dos poços artesianos e das cisternas para plantação em seus quintais, alimentação, beber, lavar roupas, louças e outras atividades relacionadas às atividades domésticas. Com o uso consciente da água, as mulheres têm garantido a produção de alimentos para autoconsumo. Além disso, os alimentos produzidos simbolizam os encontros familiares, proporcionando momentos de sociabilidade e construção de identidade das famílias das agricultoras. Quanto às relações no trabalho, as mulheres têm demonstrado empoderamento nos processos decisórios em casa e nos espaços dos quais participam.

**Palavras-chaves:** Agricultura; Assentamento; Mulheres; Semiárido; Autoconsumo.

---

<sup>1</sup> Mestranda.

<sup>2</sup> Orientador.

## ABSTRAT

This paper presents a study carried out in Assentamento Angélica (Angelica Settlement), located in the city of Aparecida, state of Paraíba, which involved women from family farming. The theme's choice is related to the need of analyzing women's coexistence with semi-arid Northeast and the impacts caused in water management, production for self-consumption and female empowerment. It is a qualitative study, more specifically a case study, that used (auto)biographic narrative research as a technique. Data was collected through interviews, conversations, and field diary. Concerning the research subject, the women agreed to the following topics: interest and availability to participate of systematic meetings. For the analysis of the material, a categorization of information/data was carried out in themes or categories that help to understand what is behind the speeches. Results point that women learned to deal with water scarcity, making good use of water from artesian wells and cisterns for planting in their backyards, feeding, drinking, washing clothes, dishes and other domestic activities. With the conscious use of water, women have guaranteed the production of food for self-consumption. In addition, the food produced symbolizes the family gatherings, providing moments of sociability and identity construction of the farmers' families. Regarding working relationships, women have demonstrated empowerment in decision-making processes at home and other spaces that they participate.

**Keywords:** Agriculture; Settlement; Women; Semi-arid; self-consumption.

## 1 INTRODUÇÃO

Os assentamentos rurais trazem como característica fundamental a organização do trabalho familiar. É interessante ressaltar que são nesses espaços, nos assentamentos, que homens e mulheres dividem o trabalho, mas “as decisões que realmente impactam a vida da família são tomadas pelos homens que, vez ou outra, consultam suas esposas” (SILVA; VALENTE, 2013, p.393). Se bem que essa realidade está sendo modificada no assentamento Angélica, pois a divisão sexual no trabalho está acabando, isso se deve a autonomia adquirida pelas mulheres na convivência entre elas, na afetividade construída a partir de suas lutas por autonomia nos engajamentos, nas formações dos sindicatos, das pastorais e das associações.

Ao se falar em assentamentos rurais, necessário se faz dizer que eles são unidades agrícolas que representam a luta dos camponeses por terra, é a forma mais concreta de se realizar a reforma agrária por meio de políticas governamentais que beneficiam os produtores rurais sem terra ou com pouca terra (BERGAMASCO; NORDER, 1996).

A política de convivência com o semiárido tem sido responsável pela permanência das famílias agricultoras no campo e representa as lutas dos movimentos sociais lideradas por várias organizações da sociedade civil, objetivando minimizar os efeitos causados pela seca e também como alternativa de um semiárido capaz de dignificar a vida das famílias agricultoras a partir de tecnologias sociais de armazenamento de água (CRUZ *et al.*, 2015).

Nesse sentido, os assentamentos resultam numa iniciativa importante por representarem um território coletivo, onde as pessoas se organizam e criam estratégias de sobrevivência. Portanto, não se pode imaginar o assentamento Angélica como uma região homogênea e seca, pois esse pensamento afasta as belezas do lugar, das mulheres de sorrisos largos que narram histórias relacionadas à representatividade da água, do alimento e do empoderamento.

Por isso, se considera relevante a discussão apresentada nesta pesquisa, a qual consiste no fato de que a água está interligada à sustentabilidade, desenvolvimento, segurança hídrica e alimentar (PONTES, 2014), o “autoconsumo deve ser interpretado como uma estratégia que é utilizada pelas unidades familiares visando garantir a autonomia sobre uma dimensão vital: a alimentação” (GRISA; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2010, p. 67) e o empoderamento está relacionada

autonomia da mulher dentro e fora do seu espaço rural.

Quanto à discussão da produção para autoconsumo ou produção “pro gasto” torna-se invisível num contexto de mercantilização da agricultura, mas é importante destacar a contribuição da produção para autoconsumo na segurança alimentar, minimização da pobreza rural, interfaces com a sociabilidade e a identidade social dos agricultores (GRISA, 2007). Discutir sobre o autoconsumo no semiárido significa focar num tema que, embora muitas vezes marginalizado ou considerado sem importância, desempenha fundamental papel na reprodução social e cultural de agricultores familiares. Carvalho (2011, p. 16)

A verdade é que o problema da seca inquietou a autora dessa pesquisa, por tentar compreender especificamente o que fazem essas mulheres do assentamento Angélica, que estratégias utilizam para sobreviverem em períodos de estiagem, buscando compreender também, se o assentamento é um território, trazendo a concepção de que a gestão deve ser compartilhada, qual é a participação delas nas decisões comunitárias? (SILVA; VALENTE, 2013).

Sendo assim, se fez opção pela pesquisa (auto) biográfica, essa pesquisa compreende as narrativas como instrumento de ação reflexiva, pois elas abrem espaços para compreensão e aproximação da mulher com a própria história, fazendo um resgate da memória, dando-lhes voz, para que possa na interação com outra (s) mulher (res) construir a si mesma e o mundo que a cerca, criando, assim, formas de resistência. Pretende-se, portanto, discutir sobre a possibilidade do autoconsumo configurar-se como uma estratégia de fortalecimento da autonomia das mulheres, reduzindo as desigualdades de gênero.

Portanto, com a escolha do tema objetivou-se analisar as estratégias de convivência das mulheres do assentamento Angélica com o semiárido e os impactos provocados na gestão da água, na produção para o autoconsumo e no empoderamento.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Antes de conhecer o espaço em que a pesquisa seria desenvolvida, a ideia que se tinha do assentamento era de um lugar feio, com solo rachado e folhas secas, não que se esteja negando que esse cenário não apareça em alguns trechos

da estrada e no próprio assentamento. Segundo Pontes (2014) fazem parte do semiárido as regiões com altas temperaturas, longos períodos de estiagem, vegetação com arbustos que perdem folhas e pastagens que secam. Mas o que faltou fazer parte da descrição foram as pessoas, as suas histórias e suas ações capazes de transformar o lugar num cenário de belezas pelas histórias de luta, resistência, resiliência e autonomia.

A visão da autora da pesquisa talvez tenha sido influenciada pelas leituras pouco reflexivas que fez sobre o semiárido nordestino, o qual sempre foi visto nas literaturas como um lugar de extrema pobreza, onde as pessoas lidam com açudes secos e rachados e situações de extrema pobreza nos períodos de estiagem. (RIOS; BASTOS; BARROS, 2015)

Embora a autora da pesquisa sempre tenha vivido no alto sertão da Paraíba, desconhecia a realidade do campo e das mulheres assentadas. A pesquisa trouxe um novo olhar para a pesquisadora, que percebeu que sua visão do semiárido foi construída a partir de algumas literaturas que desqualificaram e ainda desqualificam o povo do semiárido, principalmente aquele que vive no campo. Conhecer mais de perto as mulheres do assentamento Angélica significou entrar em contato com um universo novo e, ao mesmo tempo, desvelador, pois elas são simples, corajosas, lutadoras, felizes e muito engajadas.

Não se pode negar que enfrentam problemas em relação à questão hídrica, mas é importante ressaltar que o Programa Um Milhão de Cisternas Rurais tem minimizado as dificuldades delas em relação à gestão da água.

A esse respeito Cruz et al. (2015, p. 116) afirma:

Esse programa tem possibilitado as mulheres do semiárido um novo jeito de ver e viver o campo com possibilidades e pautado na agroecologia de produção através do cultivo de pequenas áreas, no entanto, bem diverso de cultivares – os quintais produtivos que são construídos em volta de uma cisterna ou de qualquer outra tecnologia social de armazenamento de água de chuva permitindo que as famílias desenvolvam uma agricultura rica e agroecológica. (CRUZ *et al.*, 2015).

É esse o novo olhar que precisa ser construído em relação ao semiárido nordestino, como um lugar rico e de pessoas que encontram possibilidades de uma vida decente.

Como a gestão da água está associada a quase tudo no assentamento, percebeu-se a forte ligação que tem com o trabalho desenvolvido pelas mulheres (produção agrícola para o autoconsumo) e a questão de empoderamento das mesmas. A água e o alimento são os bens comuns que têm, através das relações afetivas entre as mulheres assentadas, transformado a vida no campo.

Essas mulheres nem sempre foram assim, viveram alguns conflitos em casa e fora dela com seus companheiros, filhos e com a própria comunidade, mas foram encontrando na outra o apoio e afeto necessários para superarem relações de submissão e dominação masculina.

A água foi o principal recurso da mudança nas relações sociais no campo pelo fato de representar um bem extremamente necessário a todos da comunidade e por ter sido o principal motivo de fazer com que as mulheres percebessem o quanto o trabalho apresentava divisão sexual.

Quanto à produção “pro gasto” ou para o autoconsumo é responsável não apenas pela alimentação saudável e livre de agrotóxicos das famílias agricultoras, representa também os encontros e momentos de lazer ao se acolher familiares, amigos e vizinhos na cozinha para se deliciarem da comida originada dos produtos produzidos pelas mulheres em seus quintais.

Os quintais produtivos representam o trabalho das mulheres, baseado em princípios ecológicos e organizados aos arredores das casas, apresentando uma diversidade de produção: hortaliça, frutas, erva medicinais, legumes. Além disso, criam animais de diferentes espécies. (AMORIM et al., 2018)

Embora, os quintais produtivos sejam responsabilidade das mulheres, os homens também têm atividades a serem desenvolvidas nelas. No assentamento, as atividades e responsabilidades são compartilhadas. Essa conquista faz parte das relações coletivas vividas, das formações desenvolvidas pelos sindicatos, associações e pastorais.

O empoderamento das mulheres do assentamento está em construção, mas elas já têm motivos para comemorar, aos poucos a divisão sexual do trabalho está sendo superada.

### **3 METODOLOGIA**

Na versão do projeto de pesquisa, o foco seria a participação das mulheres na agroindústria familiar, como a agroindústria estava temporariamente fechada na época da pesquisa, optou-se pela discussão sobre autoconsumo na agricultura familiar. Considerou-se relevante também pelo fato da produção para o autoconsumo trazer à tona outras discussões, tais como: gestão da água e empoderamento. Essa discussão tornou-se importante por se perceber o quanto as relações e o envolvimento dessas mulheres foram capazes de fortalecê-las, oportunizando a elas, além da luta, o afeto, a empatia e a autoestima elevada.

O estudo trata de uma pesquisa qualitativa, mais precisamente da técnica narrativa de cunho (auto) biográfico. Optou-se pela técnica narrativa por ser de caráter investigativo-formativo, representando uma metodologia valiosa para o estudo de um fenômeno específico em profundidade e por se considerar mais adequada à proposta de pesquisa.

Para Haguetti (2005), a pesquisa qualitativa é uma pesquisa educacional orientada para ação, acontecendo a participação conjunta de pesquisadores e pesquisados, com o objetivo de mudança ou transformação social.

Segundo Cunha (1997), a narrativa autobiográfica pode provocar mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias, sendo bem provável que ao ouvir a si mesmas sejam capazes de irremediavelmente teorizando a própria existência. Esse processo é emancipatório, o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória, mas para isso é preciso que se esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enfiadamente afetivos presentes na caminhada, a por em dúvida crenças e preconceitos, enfim, a desconstruir seu processo histórico para melhor poder compreendê-lo.

Nessa pesquisa, se trabalhou com a narrativa oral e escrita em forma de memorial. Essa forma de registro é importante instrumento na ação reflexiva, abre espaço para compreensão e aproximação com o próprio fazer produzido no contexto da agricultura familiar. Para Severino (2007), o memorial deve ser em forma de relato que dê conta dos fatos e acontecimentos de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido.

Na técnica narrativa oral, as falas das mulheres assentadas foram gravadas. Na técnica narrativa escrita, o memorial (auto) biográfico foi a partir da escrita da pesquisadora, através da transcrição da oralidade das mulheres assentadas da agricultura familiar. Nele se pode fazer um resgate da memória sobre as estratégias

de convivência das mulheres do assentamento Angélica com o semiárido e os impactos provocados na gestão da água, na produção para o autoconsumo e no empoderamento.

Além da compreensão do discurso do outro, como objeto dessa investigação, Gadamer (2006, p. 12) lembra que a interpretação não pode se eximir dos preconceitos e emoções, pois

sem uma prévia compreensão de si, que é neste sentido um preconceito, e sem a disposição para uma autocrítica, que é igualmente fundada na auto compreensão, a compreensão histórica não seria possível nem teria sentido.

Portanto, se buscou apreender as significações intencionais das estratégias de convivência das mulheres do assentamento Angélica com o semiárido, reconhecendo que suas participações aparecem de formas particulares, decorrentes da história de mulheres imersas em um contexto histórico-social.

Para a análise do material, foi realizada uma categorização das informações/dados em temas ou categorias que permitem auxiliar na compreensão daquilo que está por trás dos discursos. O expoente dessa técnica de pesquisa é Laville e Dione (1999), os quais acreditam que essa análise pode ser considerada como uma ferramenta para a compreensão e construção do significado.

Por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, o qual incorpora os referenciais básicos da bioética, bem como os princípios éticos da autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. Após a aprovação pelo Comitê de Ética (parecer nº 2.697.665), a pesquisa foi apresentada as mulheres, solicitando a assinatura delas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Foi garantido todo o esclarecimento necessário as participantes, bem como, absoluto sigilo das informações individualizadas obtidas durante todas as etapas da pesquisa. Por isso, para evitar a identificação dos sujeitos da pesquisa, trocou-se os nomes reais por nomes fictícios.

Participaram da pesquisa 12 mulheres do assentamento Angélica, com idades entre 23 a 64 anos. Os dados da pesquisa foram obtidos através dos seguintes instrumentos: entrevistas e rodas de conversa. Foram realizadas três rodas de conversa e entrevistas. Os encontros foram gravados e transcritos para

interpretação. As impressões foram anotadas em um diário de campo, composto por descrições detalhadas e extensas, o qual era escrito ao final de cada encontro, narrando o que foi observado, escrevendo impressões a partir das notas de campo, dos materiais secundários e das técnicas para se obter os dados (MONTERO, 2006).

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir dos dados obtidos com as entrevistas, foi possível contemplar três categorias temáticas, que foram organizadas com base na análise das falas das entrevistadas. São elas: gestão da água: estratégias de convivência com o semiárido, autoconsumo: o alimento como representação das relações sociais e empoderamento: protagonismo das mulheres assentadas.

### **4.1 GESTÃO DA ÁGUA: ESTRATÉGIAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

Segundo Pontes (2014, p. 91), “a problemática da água está na agenda mundial e não se restringe aos países economicamente pobres”. Funari e Pereira (2017) apontam que no mundo de toda água doce disponível 70% destinam-se para a agricultura, 20% para a indústria e 10% para o consumo humano.

Há bem pouco tempo, o homem imaginava que a água era um recurso infinito, que bastava direcionar suas orações e pedidos a Deus, que o mesmo prontamente ia lhe atender. Sendo assim, a questão da água segundo a maioria da população poderia ser resolvida ou não, dependendo do tamanho do arrependimento e das procissões de fé. Essa ainda é uma realidade do sertão, mas tem se desmistificado, a partir das participações dos agricultores nas discussões de sindicatos e movimentos sociais.

Nesse sentido, percebe-se a importância de se discutir sobre essas questões e as formas de enfrentamento dessas mulheres em relação à escassez de água, permitindo que, à medida que relatam e refletem sobre suas histórias, possam ir se percebendo, se reconstruindo e reconhecendo seus papéis nos seus contextos sociais, econômicos, políticos e culturais. Trata-se de uma discussão para desvelar as percepções que têm sobre a água, como aproveitam esse recurso hídrico, como são os acessos e como usam esse recurso.

Em relação às mulheres do assentamento, a questão da água foi discutida nas rodas de conversa e, ao verbalizar sobre o que representa a água no assentamento, Marina relata que a comunidade aprendeu com o sofrimento a não desperdiçar a água.

A gente ficou três anos com esse açude seco, rachado. Depois disso, é que a comunidade está mais consciente da importância que tem a água. Agora, tem essa água aí e ninguém está mais desperdiçando.

Enquanto fala, Marina lança olhares para o açude, a roda de conversa aconteceu bem próxima ao açude, o que dava a sensação de que a emoção da entrevistada estava a florada. Ela demonstrava saber bem o que representava aquela água no açude, depois de quase sete anos de estiagem.

É inegável a dependência humana em relação à água, assim como também é uma realidade a escassez desse recurso, o que acaba impondo a sua preservação por ser um recurso limitado, de domínio público e, portanto, dotado de valor. (Goellner, 2015)

Quando perguntadas sobre que estratégias usavam para evitar o desperdício de água, Marina mais uma vez traz uma fala bem significativa sobre o reuso da água.

A gente foi quem conseguiu segurar mais plantas, dentro da comunidade. Tinha um açudinho, um barreirinho que a gente chama, lá nos fundos do lote. Deu para encher a cisterna três vezes, a calçada. A gente botava um motor lá, ainda hoje que tá os canos lá por dentro, e pegava a água do barreiro, que estava evaporando e não tava servindo pra nada e jogava dentro da cisterna calçada e aquela água, a gente aguava as plantas que não eram aguadas com água do reuso. Que lá em casa tem umas plantas que é do reuso e tem outras que é de água doce.

Marina faz referências ao reaproveitamento, quando fala em “água do reuso”. Esse sistema é considerado de baixo custo, utilizando as capacidades locais para a implantação, manejo e manutenção, sendo responsável pelo tratamento de água cinza (água cinza é qualquer água não industrial que foi usada em processos domésticos, como o banho, lavar a louça e a roupa) que depois de passar pelo reuso pode ser usada na produção de alimentos e animais (FREITAS, 2017).

Percebe-se também a importância que tem o Programa Um Milhão de

Cisternas Rurais (P1MC) na questão da gestão da água, quando se escuta a fala de Rita:

A cisterna é a maior mãe pra todo mundo aqui, eu tenho certeza. Porque nesse período de escassez de água, quem não tem uma cisterna sofreu muito. E quem tinha cisterna poupou a água, o destino da água é somente beber e se sobrar a gente cozinha. E se não sobrar, usa água salgada mesmo do poço.

A fala de Rita vem carregada de emoção, embora ela não tenha chorado. Ela participou da roda de conversa nesse dia, acompanhada de seu filho adulto, que de vez em quando balançava a cabeça concordando com ela. Na realidade, a fala dela representa muitas mulheres do semiárido que conseguem resistir às adversidades do semiárido.

As cisternas de placas geram impacto positivo por não representarem perigo ao meio ambiente trazendo como benefício à disponibilidade de água para as famílias no quintal de suas casas (ANDRADE; NUNES, 2014).

O Programa Um Milhão de Cisternas é uma política pública que iniciou suas atividades em 2003, a partir da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), buscando garantir água e alimentação de qualidade e, conseqüentemente, a melhoria das condições de sobrevivência da população residente no semiárido (SOARES JUNIOR; LEITÃO, 2017).

Como declara Melo (2010, p. 5),

(...) a construção de cisternas tem como público alvo, os agricultores pobres do semiárido e sem condições de armazenar água para o consumo familiar. As cisternas são instaladas ao lado das casas dos agricultores e próximo delas.

Em relação às estratégias de uso da água, Célia relata o problema enfrentado: “a cisterna lá de casa, ficou rachada e caiu. Fiquei pegando água na casa do meu pai e na casa de Tereza. A gente ainda pega”.

O que chama a atenção nas falas de Célia é que as dificuldades dela parecem ser minimizadas pelo compartilhamento de água. A sensação que se teve ao olhar e ouvir o grupo de mulheres que fizeram parte da pesquisa foi que elas valorizavam muito as relações coletivas e que são essas relações que as fortalecem e as tornam resilientes.

Rita passa pelo mesmo problema que Célia em relação ao rachamento da

cisterna: “a minha também rachou, a gente já fez reboco nela, já fez pincelamento com um produto que pincela piscina, que disseram que era muito bom, já fizemos um piso, mas mesmo assim não resolveu”. Mesmo assim, ela repete a fala anterior:

Mas, a cisterna é a melhor mãe pra todo mundo aqui. Eu tenho certeza que todo mundo adota a cisterna como uma mãe. Nesse período de escassez de água quem não tem cisterna sofre muito. E quem tem poupa a água, usando só pra beber e quando sobra cozinha. Se não, usa a água salgada mesmo. Quando a gente vê que a água está bem pouquinha, a gente deixa só pra beber. Mas quando a cisterna secou de tudo, a gente comprou um carro pipa de água na CAGEPA.

Fica muito evidente a relação de amorosidade de Rita com a água, ela não nega as dificuldades enfrentadas no cotidiano, mas reconhece a importância das cisternas de placas na convivência com o semiárido. Chamou muito à atenção da autora da pesquisa a fala de Rita, quando se referiu a cisterna como a “melhor mãe”, percebeu-se o quanto esse recurso livra as assentadas de viverem em condições de precariedade. Embora a entrevistada afirme que comprou água, não se pode deixar de reconhecer o quanto as cisternas de placas tenham sido essenciais nesse período tão longo de estiagem.

O PIMC reforça a ideia de o semiárido é um espaço viável, capaz de promover vida digna se as pessoas tiverem acesso a políticas públicas, como essa.

Das doze mulheres que participaram da pesquisa, apenas Joana nunca teve cisterna em casa, quando perguntada como sobreviveu no período de seca, respondeu:

Eu pego água na casa dos vizinhos, lá em mãe, pego na casa do sobrinho do meu marido e na casa de minha cunhada. Pego água também no poço, nunca faltou água porque tem o poço também. Tem dia que a gente bota dez caminho de água na moto. Lá em casa não tem essa história de quem vai botar água não, todo mundo tem que botar água.

Os relatos de Célia, Rita e Joana evidenciam que todos se ajudam coletivamente. Além disso, Joana enfatiza que não há divisão sexual no trabalho, todos têm as mesmas responsabilidades.

Causa impacto e admiração na autora da pesquisa a fala de Joana, há ali uma mulher “dona de si”, que sabe que as relações precisam ser construídas com mais igualdade e respeito. Ela sabe do jeito dela, que os papéis sociais não foram determinados pela natureza foram construídos historicamente e, por isso podem ser

modificados. (TEDESCHI, 2014)

Outra questão que chama a atenção é como Joana lida com a questão da água, não há demonstração nenhuma na sua fala de que se sinta incomodada com o fato de ter que “pegar água”, parece que pelo fato de saber que tem com quem contar quando faltar água, isso lhe traz tranquilidade.

Embora a realidade do semiárido ainda exija das mulheres atitudes resilientes e de superação, não se pode negar que as cisternas melhoraram significativamente as vidas das famílias agricultoras, tirando-as de situação de pobreza, contribuindo com uma vida melhor para as pessoas assentadas.

#### 4.2 AUTOCONSUMO: O ALIMENTO COMO REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Mais uma vez, Rita traz sua contribuição para pesquisa, relatando o que conseguiu produzir. Tem orgulho de dizer que aprendeu a usar defensivos naturais a partir das formações oferecidas pela Associação dos agricultores, as quais acontecem uma vez por mês.

De inverno a gente produz milho, feijão, fava, batata doce e quiabo. Tirando do inverno a gente tem um reaproveitamento de água e a gente tem uns pezinhos de alguma coisa, pezinhos de limão, acerola, de pinha. Também tem uns pezinhos de mamão, aí tem quiabo, tem uns pés de berinjela, eles ainda não tão na safra, mas a gente já tem. Produz alface, mas tudo só para o consumo de casa mesmo. Muitas plantas morreram por não aguentarem a água salgada.

Para Grisa e Schneider (2008) a produção para o autoconsumo é uma forma de respeito aos gostos alimentares das comunidades locais, servindo como instrumento de preservação da cultura, muitas dessas práticas são passadas de pais para filhos. Além disso, fornece alimentos com qualidade sanitária por se tratar de cultivos isentos de agrotóxicos e insumos químicos.

As ações de Rita podem está garantindo uma alimentação boa e saudável, podendo ser consideradas como práticas agroecológicas pela preocupação que tem em não contaminar os alimentos com agrotóxicos.

Todas as mulheres que participaram da pesquisa relataram que não utilizam queimadas, agrotóxicos ou qualquer outra prática que cause dano ao solo ou a saúde, comprometendo o que produzem para o autoconsumo. A grande vantagem é

desfrutar de alimentos confiáveis, que garantem a segurança alimentar das famílias rurais, e, por conseguinte a autonomia. (GRISA, 2007)

Josefa, quando questionada sobre o que produziu, também fez a separação entre o suposto período de inverno (no período da roda de conversa havia chovido) e o período de seca.

Agora mesmo? Produzimos as coisas do inverno, feijão, milho, girmum, melancia. Tem um sítio de bananas, tinha muitos pés de mangas, mas morreu, só escapou um e dois pés de cocos. Tem bode, tem gado, galinha, porco, pato e dois perus.

Durante o longo período de estiagem, Josefa produziu pouco, muitas plantações morreram. Mesmo assim, tinha sempre alguma produção garantida para o autoconsumo.

As mulheres do assentamento Angélica costumam plantar hortaliças, legumes, frutas, ervas medicinais e cereais, tais como: alface, coentro, pimentão, quiabo, berinjela, banana, manga, goiaba, limão, acerola, milho, feijão, arroz.

Algumas assentadas têm o sistema de reaproveitamento de água, o que segundo Rita “quem tem o reaproveitamento de água tem sempre alguma coisa verde, algum pé de alguma coisa”.

Em períodos longos de estiagem, como o do semiárido, as reservas de água doce garantem a qualidade de abastecimento humano e animal enquanto que águas salobras ou esgotos domésticos tratados podem ser usados na irrigação. (BARBOSA; SANTOS; MEDEIROS, 2014)

As mulheres assentadas que não têm o sistema de reaproveitamento de água consideram que não têm problema com a água em relação às necessidades básicas, apenas não tinham como produzir pelo fato da água ser insuficiente.

O alimento tem uma simbologia importante na vida delas representando momentos de encontros e conversas, isso fica evidente na fala de Joana:

“Minha cozinha é bem pequenininha, aí quando chega um monte de mulher fica uma esbarrando na outra. Elas me ajudam, um dia desse, elas não me avisaram, chegou um monte. Foram tudo pra cozinha”.

Rita fala de um casamento que aconteceu na casa de Marina e ela passou

uma semana ajudando a amiga nos preparativos: “Passei uma semana na casa de Marina, me mudei de mala e cuia, eu e toda a família, nós merendava, almoçava e jantava lá, ajudando, fazendo as coisas”.

Nesse sentido, percebe-se o alimento como possibilidade de fortalecimento das relações sociais, estreitando os laços entre as próprias mulheres e a comunidade local. Como afirma Grisa e Schneider (2008, p. 489),

(...) mais que alimentar necessidades vitais, nestes casos, a produção para o autoconsumo alimenta sociabilidades, firma relações entre vizinhos, estabelece compromissos, consolida a vida comunitária e uma estrutura social importante para reprodução social das unidades familiares.

Portanto, mesmo sendo considerado como invisível, o autoconsumo tem garantido bem estar as mulheres assentadas, pois além de garantir uma alimentação saudável, ainda ocasiona encontros agradáveis, estreitando as relações entre elas.

#### 4.3 EMPODERAMENTO: PROTAGONISMO DAS MULHERES ASSENTADAS

No assentamento Angélica, essa realidade de submissão está acabando, Marina fala com muito orgulho sobre como são as relações homem e mulher no assentamento.

Ninguém aqui tem serviço de homem e de mulher não. Isso tinha antes da gente começar, não foi, Ana? Depois que nós se organizamos acabou a história de homem e mulher. Todos têm as mesmas responsabilidades, dividem as responsabilidades. Todo canto aqui teve a mudança.

A figura da mulher por muitos séculos foi sempre associada à submissão, sendo negado a ela o direito de ser protagonista de sua própria história. Ainda hoje, em muitos contextos, ela ainda é vista apenas como aquela que cuida da casa, do marido e dos filhos. Em muitos espaços, continua invisível a sua luta, a sua história (RIOS; BASTOS, 2018)

A mudança a que Marina se refere está associada às discussões promovidas pelo sindicato, pastorais e associações sobre as questões de gênero, entre elas, a divisão sexual no trabalho. Marina fala e é como se todas as outras falassem junto com ela, percebe-se isso pela forma como acompanham a sua fala, balançando a cabeça em gesto de afirmação.

O empoderamento, no caso das mulheres dessa pesquisa, está relacionado ao processo de conscientização das mesmas quanto aos seus direitos à participação e quebra da dominação masculina. (TEDESCHI, 2014)

Sobre a mudança na divisão sexual no trabalho, Ana diz que foi um “milagre de Deus”. Para ela, as formações promovidas pelos sindicatos, pastorais e associações dos agricultores trouxeram conscientização e aprendizado para homens e mulheres.

Eu saía e chegava, achava a casa do mesmo jeito que eu deixava, achava bagunçada. Aí, depois das formações, a mulher lá foi dando umas dicas. Eu cheguei em casa botei lá as minhas ordens e até hoje. Ele agora está me ajudando. Dizia que não sabia fazer, aí desse dia pra cá num instante aprendeu.

Rita também relata como estão as coisas em sua casa, depois das formações. Ela fala com muita autonomia, a partir do seu relato percebe-se também que ela tem consciência de que todos em sua casa têm as mesmas obrigações que ela e cobra de cada um parceria nas atividades em casa.

A questão de louça lá em casa ainda é meio complicado. A louça ainda me espera, por alguns minutos, por alguns momentos. O povo lá de casa ainda é preguiçoso para lavar a louça. Mas lavam roupa, varrem casa. Mas, eu sou muito exigente e sou mal agradecida, se não for pra lavar bem lavada a louça, é melhor não lavar.

As formações promovidas pela associação dos agricultores trouxeram para as mulheres a compreensão que elas precisavam ter sobre si mesmas, tornaram-se mais visíveis, alargaram o “mundo” delas e se descobriram como personagens importantes dentro das relações familiares.

Antes tinha essa história, a mulher era quem tomava conta da casa e o homem era quem saía pra fora e a gente via que causava uns conflitos, isso dava a entender que o homem era o cabeça, o homem tinha que ser isso... O homem tinha que ser respeitado. E a gente sabe que não é dessa forma, o homem tem que ser respeitado, mas a mulher também tem que ser respeitada.

Pode-se dizer que o empoderamento feminino ocorre quando acaba a dominação da mulher pelo homem, levando-o a perder uma posição de privilégio. Mas, ao mesmo tempo, confere ao homem empoderamento pelo fato da mulher

também passar a desenvolver atividades que antes eram exclusivas do homem.

(OLIVEIRA, 2006)

Joana conta que tinha recebido um convite de Marina para trabalhar numa cooperativa, mas quando consultou seu esposo, não recebeu apoio. Mesmo assim, estava decidida.

De noite, meu marido disse: você não vai não, para Marina não! Que não vou? Ela disse que é de sete horas, quando for seis e meia eu saio. Aí ele disse, tu vai ver o que, isso não tem futuro não. Eu disse, deixe num ter, Deus é quem sabe. Aí, eu sei que eu fui pra Marina. Quando cheguei já tinha um monte de mulher. Não existe isso não da pessoa viver a vida inteira dentro da cozinha não. Mas, no começo ele nem os pratos tirava da mesa. Aí, depois, ele já colocava na pia. Aí eu disse que quando eu chegasse eu queria achar os pratos lavados. Ele lavava. Às vezes ele fazia até a mistura, mas o almoço eu já deixava feito, ficava faltando só a mistura e ele fazia.

Na fala de Joana pode-se perceber que há empoderamento, ela não está na condição de assujeitada, fala com decisão, com firmeza, tem uma nova visão da relação homem e mulher, assim como os homens querem estar nos espaços sindicais e nas associações, ela quer visibilidade na família e na comunidade.

É claro que, numa sociedade patriarcal as mudanças não acontecem repentinamente, no caso das mulheres assentadas, as mudanças estão em construção. O importante é que, além de terem conquistado mais visibilidade nas relações familiares, elas adquiriram mais autonomia, passaram a tomar decisões junto com seus companheiros.

A fala de Rita ecoou como libertação, quando em tom alto e forte respondeu a pergunta de quem seria o chefe da família: “todos somos chefes”. A partir da resposta dela, não se teve dúvida de que estavam empoderadas.

Mas, o que significa empoderamento? Propositamente deixou-se para responder a essa pergunta no final dessa discussão do artigo, para que se pudesse encerrar com uma citação de Tedeschi (2014, p. 157):

(...) sem uma redistribuição das responsabilidades domésticas, das tarefas relacionadas especificamente à reprodução social dos agricultores familiares – e que são fundamentais na conformação da dupla jornada de trabalho das agricultoras – não há condições de se falar em empoderamento das mulheres, ou seja, na criação de espaços sociais que venham a permitir que mulheres e homens compartilhem o trabalho e o processo decisório sobre as diferentes atividades, desenvolvidas dentro e fora da unidade de produção agrícola.

Portanto, a mudança que está acontecendo no assentamento é histórica e, ao mesmo tempo, essencial para que as mulheres possam se sentir protagonistas e empoderadas. Lá homens e mulheres estão construindo uma história sem espaço para violência e sofrimento psíquico para as mulheres por conta de relações desiguais e invisíveis.

## **5 CONCLUSÃO**

O assentamento pesquisado revelou a partir das narrativas autobiográficas, o quanto as mulheres que fazem parte daquele lugar estão conscientes da sua importância no núcleo familiar e nos diferentes espaços organizativos dos quais participam. Tudo isso só foi possível através das relações afetivas desenvolvidas entre elas, pois puderam fazer leituras de si mesmas e perceberam o quanto o trabalho desenvolvido por elas era invisível, embora fosse muito importante para suas famílias. O fato de uma mulher poder se apoiar na outra num processo de luta coletiva, foi importante para que aos poucos fossem buscando se libertar da condição de submissão em que viviam.

As mulheres do assentamento Angélica encantam pela forma como falam sobre suas lutas, elas sorriem muito enquanto falam e a sensação que se tem é de que elas sabem tanto o que representou a mudança que não conseguem disfarçar o quanto foram impactadas por toda transformação social vivida.

Os resultados da pesquisa apontam que as mulheres aprenderam a lidar com a escassez de água, aproveitando bem a água dos poços artesianos e das cisternas para plantação em seus quintais, alimentação, beber, lavar roupas, louças e outras atividades relacionadas às atividades domésticas. Com o uso consciente da água, as mulheres têm garantido a produção de alimentos para autoconsumo. Além disso, os alimentos produzidos simbolizam os encontros familiares, proporcionando momentos de sociabilidade e construção de identidade das famílias das agricultoras. Quanto às relações no trabalho, as mulheres têm demonstrado empoderamento nos processos decisórios em casa e nos espaços dos quais participam.

A pesquisa não se encerra aqui, ela não está conclusa, ainda há muito que

se discutir sobre essas mulheres, a história delas começa a ser contada e acredita-se que ainda há muitas outras possibilidades de discussão.

De forma conclusiva, espera-se ter deixado evidente que nenhuma mudança seria possível na vida dessas mulheres se não houvesse o entendimento coletivo de que para transformar o semiárido, além do envolvimento é preciso afeto, empatia e comprometimento com o outro. Isso fica perceptível na forma como lidam com a água, tornando-a de fato bem comum, sem privação desse líquido ao outro e, ao mesmo tempo, com a compreensão de que é preciso cuidar e preservar esse bem finito.

## 6 REFERÊNCIAS

AMORIM, João Batista Barros de et al. **As mulheres do sertão pernambucano e seus quintais produtivos agroecológicos**. Cadernos de Agroecologia, Brasília, v. 13, n. 1, p.1-6, 2018. Disponível em:

<cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/download/532/875/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

ANDRADE, Jucilaine Aparecida de; NUNES, Marcos Antônio. **Acesso à água no Semiárido Brasileiro**: uma análise das políticas públicas implementadas na região. Revista Espinhaço, Minas Gerais, p.28-39, 2014. Disponível em:

<<http://oaji.net/articles/2015/2253-1440180303.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

BARBOSA, Martha Schaer; SANTOS, Maria Elisabete Pereira dos; MEDEIROS, Yvonilde Dantas Pinto. **Viabilidade do reúso de água como elemento mitigador dos efeitos da seca no semiárido da Bahia**. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. , n. 2, p.17-32, 2014. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v17n2/a03v17n2.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luis Antonio Cabello. **O que são assentamentos rurais?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

CARVALHO, Alice Assis. **Entre mata e gerais: produção de alimentos e autoconsumo por agricultores familiares da Região do Alto-médio São Francisco-MG**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Minas Gerais,, Montes Claros, 2011. Disponível em:

<[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/NCAP-8ULKZ/alice\\_assis\\_carvalho.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/NCAP-8ULKZ/alice_assis_carvalho.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 16

dez. 2018.

CRUZ, José de Jesus et al. **O centro de agroecologia no semiárido: experiências e alternativas para convivência com o semiárido**. Cadernos Macambira, Bahia, v. 1, n. 2, p.113-122, 2015. Disponível em: <<http://revista.lapprudes.net/index.php/CM/article/view/90/81>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Revista da faculdade de educação. São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 185-195, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Janierk Pereira de. **Análise das vulnerabilidades dos assentamentos rurais e o papel da comissão pastoral da terra/sertão no processo de reforma agrária no município de Cajazeiras/PB**. 2017. 350 f. Tese (Doutorado) - Curso de Recursos Naturais, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1680>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

FUNARI, Juliana Nascimento; PEREIRA, Mônica Cox de Britto. **Caminhos das águas no sertão do Pajeú: contribuições e lutas das mulheres camponesas na construção de uma convivência transformadora com o semiárido brasileiro**. Revista Pegada. São Paulo, v. 18, n.3, p.124-152, 2017. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/5363>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

GADAMER H. G. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

GOELLNER, Claud. **O uso da água e a agricultura**. 2015. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/267373079\\_O\\_USO\\_DA\\_AGUA\\_E\\_A\\_AGRICULTURA](https://www.researchgate.net/publication/267373079_O_USO_DA_AGUA_E_A_AGRICULTURA)>. Acesso em: 15 dez. 2018.

GRISA, Catia. **Para além da alimentação: papéis e significados da produção para autoconsumo na agricultura familiar**. Revista Extensão Rural, Rio Grande do Sul, p.05-35, 2007. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2014/1572-1420663705.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

GRISA, Catia; GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. **A "produção invisível" na agricultura familiar**: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. *Agroalimentaria*, Venezuela, v. 16, n. 31, p.65-79, 2010. Semestral. Disponível

em:

<<http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/sergio-schneider/schneider-sergio-grisa-catia-gazolla-marcio-a-producao-invisivel-na-agricultura-familiar-autoconsumo-seguranca-alimentar-e-politicas-publicas-de-desenvolvimento-rural-agroalimentaria-caracas-merida-venezuela-vol-16-no-31-julio-diciembre-2010-65-79>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. **"Plantar pro gasto"**: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. *Rer*, Piracicaba, v. 46, n. 2, p.481-515, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/resr/v46n2/v46n2a08.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

HAGUETTI, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005.

LAVILLE, C., Dionne, J. (1999). **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG.

MELO, Lúgia Albuquerque de. **A mulher agricultora**: relação íntima com a água. *Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, Santa Catarina, p.1-8, 2010. Disponível em:

<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278442727\\_ARQUIVO\\_TEXTO\\_ULTIMO2010.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278442727_ARQUIVO_TEXTO_ULTIMO2010.pdf)>. Acesso em: 04 dez. 2018.

MONTERO, M. **Hacer para transformar**: El método en la Psicología Comunitária. Buenos Aires: Paidós, 2006.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza. **Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento em assentamentos de reforma agrária**: o caso do Saco do Rio Preto em Minas Gerais. 2006. 132 f. Tese (Doutorado) - Curso de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Serpédica, 2006. Disponível em:

<[http://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/08/2006.tese\\_.maria\\_de\\_oliveira\\_souza\\_oli.pdf](http://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/08/2006.tese_.maria_de_oliveira_souza_oli.pdf)>. Acesso em: 15 dez. 2018.

PONTES, Emilio Tarlis Mendes. **A convivência com o semiárido no contexto Sulamericano: segurança hídrica em Afogados da Ingazeira (Pernambuco, Brasil) e Graneros (Tucumán, Argentina)**. 214. 245 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Cap. 04. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/308>>. Acesso em: 12 mar. 2018

RIOS, Pedro Paulo Souza; BASTOS, Adson dos Santos. **Mulheres e relações e gênero no semiárido brasileiro: uma história invisibilizada**. Disponível em: <[http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1428545115\\_ARQUIVO\\_6SeminarioBrasileirodeEstudosCulturaisEducaoCompleto.pdf](http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1428545115_ARQUIVO_6SeminarioBrasileirodeEstudosCulturaisEducaoCompleto.pdf)>. Acesso em: 03 dez. 2018.

RIOS, Pedro Paulo Souza; BASTOS, Adson dos Santos; BARROS, Edonilce da Rocha. **MULHERES NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UMA HISTÓRIA INVISIBILIZADA**. *Ouricuri*, Paulo Afonso, v. 5, n. 2, p.1-17, 08 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri/article/view/1482>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed., rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Camila Marques Viana; VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. **Agricultura Familiar, Gênero e Dinâmicas Sociais: um estudo sobre a construção territorial do assentamento Nova Lagoa Rica**. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. Piracicaba, v. 51, n. 2, p.387-400, jul. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032013000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000200010)>. Acesso em: 14 mar. 2018.

SOARES JUNIOR, Dinando Antonio; LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. **Desenvolvimento local: o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) em Tupanatinga, PE**. *Interações, Campo Grande*, v. 18, n. 1, p.75-87, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v18n1/1518-7012-inter-18-01-0075.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Do silêncio à palavra: histórias e memórias de mulheres na perspectiva de gênero no meio rural do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Dourados, MS**:Ed. UFGD, 2014.